

321

AFRO-BRASILEIROS VERSUS “ECOLOGISTAS”. *Luísa Andrade de Sousa, Jose Carlos Gomes dos Anjos (orient.) (UFRGS).*

Atualmente, em Porto Alegre, pode-se perceber a configuração de arenas argumentativas, nas quais de um lado estão os religiosos afro-brasileiros e simpatizantes e de outro estão os “ecologistas”, entre eles: religiosos evangélicos, protetores ambientais e membros da classe dominante em geral. Porém, essa disputa argumentativa acontece de forma desigual, por não terem, ambas as partes, a mesma distância dos campos político e jurídico. Um exemplo disso foram os debates, ocorridos recentemente, em torno da prática do sacrifício de animais. O que se pode ver são diversas frentes reunindo-se ao apropriarem-se de um mesmo recurso argumentativo, em prol da proteção ambiental, para reprimir práticas rituais, que são deslocadas de seu contexto simbólico, para serem consideradas agressões, primitivas e dispensáveis. Através de questionários e entrevistas semi-diretivas com os principais envolvidos, direta ou indiretamente, nessa arena, é que pretendo verificar minha hipótese de que os debates públicos atuais, a respeito de algumas práticas realizadas nas religiões afro-brasileiras, configuram-se dentro de um novo contexto de perseguição a essas religiões, caracterizado pelo preconceito, pelo etnocentrismo e pela discriminação, transfigurado em um discurso de proteção ambiental.